

Nesta edição:

■ Editorial

Nesta edição, abordamos assuntos relacionados à evolução do rebanho bovino, mercado do boi e reposição e recuperação de pastagens na fronteira agrícola.

pg. 2

■ Palavra do consultor

Recuperação de pastagens na fronteira agrícola brasileira: conciliando preservação ambiental com produção de alimentos

Moacyr Bernardino Dias-Filho
Engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental.

pg. 2

■ Matéria especial

Com o mercado firme para a reposição, cai a relação de troca

Maisa Modolo
Engenheira agrônomo e consultora da Scot Consultoria

pg. 3

■ Agropecuarista em destaque

José Marcos Leite Júnior
Proprietário da Fazenda Nova Era, localizada em Senador Guimard, Acre.

pg. 4

■ Matéria de capa

REBANHO BOVINO: DE ONDE VEM, PARA ONDE VAI?

Por: Gustavo Aguiar
Zootecnista e consultor da Scot Consultoria

Para responder esta questão, analisamos a evolução do rebanho bovino desde o início da divulgação dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1974.

Além da análise do rebanho nacional, dividimos os dados por regiões geográficas. Os resultados estão na tabela 1.

Tabela 1.

Crescimento do rebanho bovino a cada década, por região, e o acumulado desde 1974.

País/região	1974-1983	1983-1992	1993-2002	2002-2011	Acumulado 1974-2011
Brasil	34,3%	24,2%	19,5%	14,8%	130,1%
Norte	146,9%	190,3%	78,3%	42,1%	1.855,9%
Centro-Oeste	68,6%	26,4%	25,6%	10,8%	217,4%
Nordeste	26,8%	30,6%	6,1%	23,8%	82,1%
Sudeste	15,5%	6,1%	0,8%	3,7%	29,5%
Sul	17,7%	4,2%	7,0%	1,7%	34,8%

Fonte: IBGE / Elaborado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Na média nacional, o rebanho bovino aumentou 130,1% durante o período analisado.

A região Norte apresentou, de longe, o maior crescimento do período, com aumento acumulado de 1.855,9%. 8,5 vezes mais do que a região que apresentou a segunda maior expansão, o Centro-Oeste, cujo aumento foi de 217,4%. Na sequência apareceram as regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Além disso, as diferenças regionais de comportamento ao longo do tempo são notáveis. Podemos destacar alguns pontos, como o crescimento em menor intensidade a cada década.

Para o Norte, o aumento do rebanho entre 2002 a 2011 foi o menor das últimas três décadas, apesar de ter crescido 42,1%, um aumento significativo. É prudente imaginar que as crescentes pressões ambientais a que o bioma amazônico vem sendo submetido nos últimos anos continuem limitando o aumento nas próximas décadas.

O Nordeste teve comportamento distinto, com recuperação do crescimento de 2002 a 2011. Talvez a região desponte como a nova fronteira agropecuária do país, a exemplo do que ocorre no MAPITOBA para os grãos. Um ponto a se considerar é a seca histórica que a região enfrentou recentemente, e que reduziu fortemente o rebanho bovino em alguns estados.

Na sequência temos o Sudeste e o Sul, cujos rebanhos ficaram praticamente estáveis na última década. O encarecimento da terra e os altos custos de oportunidade são variáveis que tendem a influenciar cada vez mais na dinâmica da atividade pecuária nestas áreas.

Por fim, o crescimento deverá ocorrer guiado pelo aumento na produtividade, onde ainda reside um grande potencial para a pecuária.



■ Editorial

Amigos pecuaristas, nesta 66ª edição do Pasto Livre destacamos o potencial da pecuária brasileira quanto à produtividade das pastagens, além de analisarmos a distribuição do rebanho e a situação atual do mercado do boi gordo e reposição. Além disso, mostramos a importância das fronteiras, com uso de tecnologia e um exemplo de pioneirismo.

O consultor Moacyr Bernardino Dias-Filho, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, aborda a importância da modernização da pecuária nestas regiões do Brasil e a necessidade da recuperação de pastagens degradadas para o sucesso desse processo.

A Scot Consultoria também abordou o tema com uma análise do crescimento do rebanho bovino brasileiro, por região, desde 1974, através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Além disso, mostramos a dificuldade de reposição de boiadas, em razão da valorização das categorias de reposição em relação à arroba do boi gordo desde o início do ano.

Por fim, nosso amigo pecuarista José Marcos Leite Júnior conta um pouco da história de sua família e da opção pelo sistema de engorda em pasto desde o início da Fazenda Nova Era, no Acre, em 1980.

Boa leitura e contem conosco!



Roberto Risolia
Gerente de marketing Linha Pastagem
Dow AgroSciences



■ Palavra do consultor

RECUPERAÇÃO DE PASTAGENS NA FRONTEIRA AGRÍCOLA BRASILEIRA: CONCILIANDO PRESERVAÇÃO AMBIENTAL COM PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Com a maior expansão do efetivo bovino nos últimos anos, conforme foi descrito em um dos textos da Scot Consultoria desta edição, as regiões Norte (que abrange grande parte da Amazônia Legal), Nordeste e Centro-Oeste, são hoje as principais fronteiras agrícolas para a atividade pecuária do Brasil.

Em decorrência da importância da pecuária desenvolvida a pasto nessas regiões, é imprescindível que estes sistemas de produção sejam modernizados, buscando-se produzir mais em menores áreas.

A recuperação de pastagens degradadas deverá ter papel decisivo neste processo de modernização, tornando possível o aumento da produção, sem a expansão das áreas de pastagem. Isto é, o aumento da produtividade e a preservação ambiental deverão ser o foco central desta modernização, conciliando a crescente demanda mundial por proteína animal com a redução dos desmatamentos.

Para que esse objetivo seja alcançado nas regiões de fronteira agrícola, algumas ações são necessárias:

1- Geração de tecnologia, visando o desenvolvimento de novas cultivares de forrageiras, de estratégias de recuperação de pastagens degradadas e de manejo de pastagens ainda produtivas.

2- Fluxo constante de investimento público e privado em pesquisa e desenvolvimento de práticas de manejo de pastagens e estratégias que incentivem a adoção de tecnologia entre os produtores rurais.

3- Fortalecimento dos serviços de assistência técnica.

Neste sentido, sem o investimento em pesquisas que melhorem a eficiência da pecuária em regiões como a

Amazônia, seria inteiramente incoerente políticas de metas ousadas para recuperação de pastagens e redução do desmatamento nestas regiões.

Considerando os benefícios ambientais e sociais da recuperação de pastagens degradadas em áreas de fronteira agrícola, é essencial que essa atividade tenha alguma forma de compensação financeira de diminuição de custos.

Mesmo que haja fácil acesso ao crédito, se não houver o domínio da tecnologia pelo produtor, ou se esse produtor não tiver acesso à assistência técnica qualificada, a adoção de práticas de recuperação de pastagens degradadas pode ser prejudicada.

É fundamental a criação ou o fortalecimento de mecanismos para a qualificação técnica dos produtores e de agentes multiplicadores.

Por fim, se não houver meios eficientes que estimulem o produtor rural, o investimento em tecnologia de recuperação de pastagens improdutivas seria mínimo ou inexistente, e sabemos que esses investimentos são fundamentais para a conciliação da preservação ambiental com a produção de alimentos.

Moacyr Bernardino Dias-Filho
Engenheiro agrônomo e pesquisador
da Embrapa Amazônia Oriental.



■ **Matéria especial**

COM O MERCADO FIRME PARA A REPOSIÇÃO, CAI A RELAÇÃO DE TROCA

Por: Maisa Modolo
Engenheira agrônomo e consultora da Scot Consultoria

Segundo o levantamento da Scot Consultoria, na média de agosto, a arroba do boi gordo ficou cotada em R\$102,55, a prazo, no estado de São Paulo.

Essa cotação representa um incremento de 11,0% na comparação com o preço médio vigente no mesmo mês do ano passado, cuja cotação média foi de R\$92,38 por arroba. No acumulado do ano, a valorização da arroba é de 6,0%.

A oferta restrita de bovinos colaborou para este cenário. Os preços estiveram firmes desde dezembro, quando a arroba do boi gordo era negociada no mercado paulista, em

média, por R\$96,78, a prazo.

A oferta de bovinos para reposição também não está abundante no estado. A demanda firme pelos animais próximos à terminação vem impulsionando a valorização.

A alta do boi gordo não foi suficiente para que o poder de compra aumentasse. O pecuarista está com dificuldade para repor as boiadas vendidas, já que os animais de reposição vêm subindo mais que o boi.

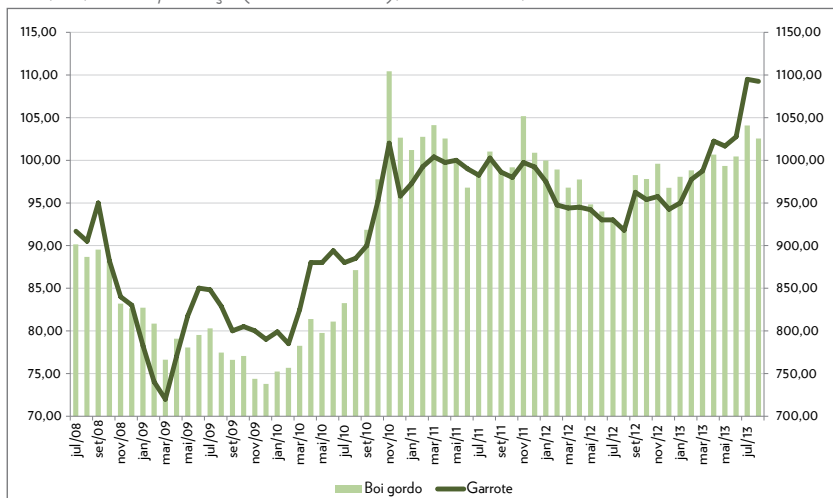
O garrote de 9,5@ foi a categoria mais valorizada na comparação com o mesmo período do ano passado. Em

agosto de 2013, o animal foi comercializado, em média, por R\$1.092,50 por cabeça, alta de 19,0% frente a agosto de 2012, quando era negociado por R\$918,00. Figura 1.

No fim de agosto, o pecuarista comprava 1,55 garrote com a venda de um boi gordo (16,5@), uma queda de 6,7% na comparação com agosto do ano passado, quando a troca estava em 1,66 garrote por boi.

Nos últimos cinco anos, a melhor relação de troca do boi gordo com o garrote aconteceu em fevereiro de 2009, quando atingira 1,80 garrote por boi gordo vendido, 16,4% acima da vigente no fim de agosto.

Figura 1. Preço médio mensal do boi gordo, em R\$/@, a prazo (eixo da esquerda), e do garrote de 9,5@, em R\$/cabeça (eixo da direita), desde 2008, em São Paulo.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br



Fonte: Scot Consultoria

■ Agropecuarista em destaque

JOSÉ MARCOS LEITE JÚNIOR

Proprietário da Fazenda Nova Era, localizada em Senador Guimard, Acre.



CONTE-NOS UM POUCO DA HISTÓRIA DA FAZENDA NOVA ERA E DE COMO COMEÇOU A SOCIEDADE ENTRE OS CINCO IRMÃOS.

R: Nossa história no Acre iniciou-se em meados de 1975, quando meu pai, o senhor José Marcos Leite, que desde 1969 trabalhava nesta região, decidiu se mudar definitivamente para o estado.

Meu pai, que veio de Jales-SP, atuava em um projeto de colonização desenvolvido por empresários paulistas. Com os anos, desligou-se do referido projeto e conseguiu comprar seu primeiro pedaço de terra, a Fazenda Nova Era.

Desde então eu e meus irmãos (Fábio, Leandro e Murilo Leite), juntamente com nossos pais, começamos a desenvolver nossas atividades na área rural.

Trinta e oito anos depois, continuamos atuando de forma conjunta, nesta e em outras propriedades que conseguimos adquirir.

A Fazenda Nova Era é uma propriedade com 1.500 hectares, localizada no município de Senador Guimard, a 25 km de Rio Branco-AC. A propriedade foi adquirida no início de 1980, na época uma área de mata bruta. Iniciamos a abertura em 1982, ano em que começamos na atividade agropecuária no estado do Acre.

○ SENHOR TRABALHA APENAS COM ANIMAIS DE ENGORDA A PASTO. ○ QUE O LEVOU A ESCOLHER ESTE SISTEMA E QUAIS AS PRINCIPAIS VANTAGENS?

R: Na verdade, desde o princípio trabalhamos com a engorda por escolha de meu pai, além disso, em virtude de nossas aberturas serem novas, achávamos que o manejo do boi era mais conveniente e oportuno naquele momento.

Desde então, continuamos a trabalhar no mesmo sistema, em razão de termos, até hoje, facilidade de reposição e pastagens de boa qualidade durante o ano todo, devido à boa condição climática do estado.

○ SENHOR ESTÁ REALIZANDO A SUBSTITUIÇÃO DO BRAQUIARÃO DA PROPRIEDADE PARA OS CAPINS MG-5 E BRACHIARIA HUMIDICULA. QUAIS AS RAZÕES QUE O LEVARAM A ESTA DECISÃO?

R: A substituição ocorreu pela necessidade de renovação das áreas de pastagens mais degradadas e da morte súbita do braquiário, que em nossa região está ocorrendo de maneira rápida e acentuada. No momento encontramos no MG-5 e na humidicula as melhores opções.

QUAIS OS CRITÉRIOS QUE O SENHOR UTILIZA PARA DETERMINAR A REFORMA DAS PASTAGENS?

R: Optamos por reformar as pastagens mais antigas com baixa capacidade de suporte e que já não oferecem mais condições de boa engorda, isto é, as áreas já degradadas e cansadas.

QUAIS PRÁTICAS O SENHOR UTILIZA E JULGA NECESSÁRIAS PARA OBTER RESULTADOS POSITIVOS NA PECUÁRIA DOS DIAS ATUAIS?

R: Nos dias de hoje, a pecuária é um desafio cada vez maior. É necessário produzir mais e em menos tempo.

Atualmente, estamos começando a utilizar a adubação em pastagens, melhorando nossa prática de manejo, adquirindo animais de melhor qualidade e controlando os custos de forma mais eficiente. Estamos estabelecendo uma visão empresarial no negócio.

A pecuária tem avançado muito, mas ainda temos um longo caminho pela frente. A tecnologia será nossa grande aliada hoje e no futuro.



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento

Conselho Editorial

Daniela Peczerini
Eleni Gritzapisi
Gustavo Silva
Roberto Risolia

Jornalista

Isabel Torres | MTB 10097

Colaboradores

Alcides de Moura Torres Jr.
Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar
Juliana Hyppolito
Maise Modolo Vicentin
Paola Jurca Grigolli

Pasto Livre

Pasto Livre é editado pela Scot Consultoria, especialmente para a Dow AgroSciences - Linha Pastagem. Dow AgroSciences Industrial Ltda. Av. Nações Unidas, 14.171 - 2o. andar - Torre D CEP: 04794-000 São Paulo, SP www.dowagro.com/br

Scot Consultoria

www.scotconsultoria.com.br

A reprodução total ou parcial dos textos e dados contidos nesta edição é permitida, desde que citada a fonte.